

REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA: UMA LEITURA DO CONTO A SOLUÇÃO, DE CLARICE LISPECTOR

FEMININE REPRESENTATIONS IN LITERATURE: A READING OF THE TA LEGIÃO ESTRANGEIRA THE SOLUTION, BY CLARICE LISPECTOR

Maria da Glória de Castro Azevedo
UFT

Resumo: O artigo apresenta uma discussão das representações femininas na literatura a partir de uma leitura do conto "A Solução", de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Literatura, Feminilidade, Subalternidade.

Abstract: This paper analysis the feminine representation from my reading and interpretation of the short story "The solution", written by Clarice Lispector.

Keywords: Literature, Femininity, Subalternity.

Introdução

Quando falamos em representações sociais femininas na literatura, devemos entender que o conceito de representação levanta questões para: Quem representa essa literatura? O que é representado? Para quem se representa? Entendemos que a representação literária se situa em regras como: O que pode e deve ser representado? Quais as camadas sociais que são postas ideologicamente de maneira naturalizada e institucionalizada? O que é interdito sobre as classes sociais? Por outro lado, há as regras para os sujeitos das fronteiras e da subalternidade, estes estão alocados em construções narrativas ligadas ao poder patriarcal.

Ao pensarmos na representação de gênero da personagem feminina, entendemos que tanto essa personagem quanto a escritora devem ressignificar os papéis e os conceitos vigentes de feminilidade, para alcançar verossimilhança ao tempo histórico da narrativa. Portanto, qual a representação da mulher negra e da periferia, da mulher branca e da classe dominante, da mulher gorda e da mulher lesbiana na literatura? Muda o olhar e sua representação quando essa literatura é de autoria feminina?

Gênero como construção social

Para esclarecer a questão de gênero como construção social falarei, inicialmente, sobre a demarcação da escrita de autoria feminina. As mulheres escritoras passaram a metade do século XX respondendo se existe uma escrita feminina, estando quase sempre em luta pelo poder da palavra e, por que não, literário, pois ainda que as escritoras escrevam tão bem quanto os escritores, a maior parte delas são colocadas no segundo escalão, devido ainda ao preconceito literário que advém do fato de que o mercado literário ainda considera a literatura privilégio para autores homens.

Segundo Marina Colasanti (1997, p.33), as mulheres foram durante séculos as grandes narradoras que mantiveram vivas as narrativas literárias, atuando como transmissoras de valores culturais estratificados e patriarcais, sem oferecer perigo à sociedade, visto que não produziam seus próprios textos. A partir do momento em que deixam de ser repetidoras de narrativas já existentes e passam a escrever, fogem ao controle, transformando-se em ameaça. Essa ameaça é representada pelo fato de que a literatura implica em linguagem individual e, portanto, representa, também, transgressão, por isso, uma forma de impedir a transgressão é colocar a escrita feminina no limbo.

Judith Butler (1998), em artigo sobre o Feminismo e as questões do Pós-Modernismo, critica certos valores considerados como verdades universais e argumenta que o universalismo simboliza um lugar de poder e de dominação. Para a teórica, todo universalismo acaba por ser sexista porque impõe um lugar de valor que nem sempre representa uma totalidade como se pretende ser, pois toda totalidade é excludente e o particular acaba por ser local. Assim, o universal deve ser ressignificado como uma noção culturalmente hegemônica sobre o campo social.

Nesse sentido, os grandes temas universais da literatura e os valores estéticos legitimam

uma hegemonia masculina e heterossexista sobre os demais discursos literários. Segundo Butler (1998, p.17) “o termo ‘universalidade’ teria de ficar permanentemente aberto, permanentemente contestado, permanentemente contingente, a fim de não impedir de antemão reivindicações futuras de inclusão”. Devido à instituição masculinizada da sociedade, a questão do sujeito deve ser repensada para que assim passe a interrogar sua premissa fundamentalista ou dada de antemão, pois se o sujeito é constituído, ele não é, no entanto, determinado; por ser constituído é que ele pode agir, ser transformador e produzir discursos desestabilizadores de legados anteriores.

As mulheres escritoras desenvolveram uma nova relação com a linguagem que as retira do âmbito de sujeito passivo, das repetidoras e mantenedoras dos valores patriarcais presentes nas narrativas e as coloca diante de uma nova postura ativa com relação à mudança discursiva. A linguagem passa a ser desestabilizadora e abre espaço para outras representações sociais em que o sistema tradicional de imagens literárias cede espaço para uma nova alternativa de escrita através do discurso gendrado. Para Vera Queiroz (1997, p.104), a discussão em torno do sujeito que lê e do sujeito que escreve, assim como a composição dos personagens de ficção vista sob a perspectiva da noção de gênero, representam uma das questões significativas para a crítica feminista.

Quando se olha a produção e a recepção dos objetos da cultura ocidental e patriarcal, através do olhar gendrado, evidencia-se a centralidade do sujeito masculino que coloca em “uma posição hierarquicamente inferior o Outro do masculino quanto aos atributos (e às atribuições) que lhe são socialmente conferidos” (QUEIROZ, 1997, p.104), por isso, a crítica feminista tem procurado desestabilizar modelos de leitura e da crítica historiográfica literária, mostrando que tanto na tradição patriarcal quanto na acadêmica, os valores masculinos sempre foram demarcados como valores universais.

Miguel Cereceda (1996, pp. 192-193) considera que o acesso da mulher ao uso público da palavra é problemático. Para esse teórico, há dois âmbitos diferenciados da linguagem: o primeiro é a linguagem que procura falar com propriedade; a linguagem do poder e da razão, economia e ciência, portanto, dominante e valorizado em face do segundo âmbito da linguagem: o da maledicência, hipocrisia, mentira e indiscrição. É como se esses dois âmbitos (o discurso verdadeiro e o discurso da mentira) correspondessem a dois mundos diferenciados: o primeiro é tido como propriedade masculina, enquanto o segundo é destinado ao feminino. Portanto, o acesso da mulher ao uso público da palavra supõe tanto um enfrentamento das determinadas condições sociais quanto o enfrentamento de uma tradição que impunha uma pública negação da palavra da mulher.

Para Foucault (2010, p. 9):

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Sendo assim, na nossa sociedade, marcada pelos procedimentos de exclusão e interdição, não há liberdade para se falar tudo em qualquer circunstância. Foucault (2010, p. 9) ao comentar sobre a interdição discursiva, enumera o jogo de três objetos de interdição: o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusividade do sujeito que fala. A incursão da mulher no universo literário requereu esforço para adentrar nesse jogo, nem sempre alcançando êxito com esses objetos de interdição, visto que o discurso não representa apenas as lutas ou os sistemas de dominação, ele é também aquilo pelo qual e por que se luta, ou seja, representa o poder que desejamos ter. Essa luta é reconhecida historicamente, pois sabemos que além da mulher ser excluída da luta por poder, também teve o seu discurso interditado.

A Solução, conto de Clarice Lispector

Em 1964, Clarice Lispector publicou o livro **A Legião Estrangeira**. Composto de treze contos, todos com personagens que vivem em uma fronteira de estranhamento. Para esse estudo, abordaremos apenas o conto **A solução**, uma narrativa curta de apenas duas páginas nas quais a autora nos traz à visibilidade uma personagem historicamente tratada de forma negativa,

ridicularizada e oprimida: a mulher gorda. Passados cinquenta e seis anos dessa publicação, a mulher gorda continua sem visibilidade e sem ser representada positivamente na literatura. Da mesma forma, continua pouco estudada. Se formos procurar na plataforma Google artigos ou livros teóricos sobre a representação da mulher gorda na literatura, encontraremos poucas referências teóricas, a mesma coisa se dá com personagens protagonistas gordas.

A solução, narra a história de Almira - a mulher gorda e Alice- a colega de trabalho que Almira dizia a todos, com aflição, ser sua melhor amiga.

Chamava-se Almira e engordara demais. Alice era a sua maior amiga. Pelo menos era o que dizia a todos com aflição, querendo compensar com a própria veemência a falta de amizade que a outra lhe dedicava.

[...]

À medida que a amizade de Alice não existia, a amizade de Almira mais crescia. Alice era o rosto oval e aveludado. O nariz de Almira brilhava sempre. Havia no rosto de Almira uma avidez que nunca lhe ocorrera disfarçar: a mesma que tinha por comida, seu contato mais direto com o mundo. (*A Legião Estrangeira*: 1999, p.65)

Já no início da narrativa A narradora nos expõe o estado da personagem Almira: “engordara demais” e para compensar seu peso, inventou uma amizade e, na repartição em que trabalhavam, ninguém entendia como Alice a suportava. Almira é uma mulher isolada das pessoas e do mundo, seu contato mais direto com ele se dá através da comida. Nesse curto parágrafo, a narradora apresenta ao leitor a solidão/exclusão em que estão as mulheres gordas, os corpos que estão além da estética da beleza, do útil e aceitável. Na construção dos corpos femininos (e masculinos) o corpo gordo ocupa o lugar do corpo abjeto, assim como o corpo negro, velho, gay. Ao corpo gordo, nega-se o afeto, a dignidade e a companhia. O corpo gordo está destinado à solidão. Quando as mulheres gordas são representadas na literatura ela aparece seguida de termos negativos como feia, irritadiça, arfante, de olhar guloso, irrequieta, engraçada, da classe baixa. Essa representação quase sempre ocorre através da narrativa de autoria masculina e demonstra o olhar patriarcal e opressor da sociedade masculina sobre a mulher objeto do outro. Vejamos dois trechos dos romances do século XIX:

Poucos dias antes de embarcar para o Brasil em companhia del- rei, estando o infeliz pai em preparativo de viagem, viu entrar-lhe pela porta a dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida segundo o costume das mulheres da baixa classe do país (...). Parecia presa de grande agitação e de raiva: seus olhos pequenos e azuis faiscavam de dentro das órbitas afundadas (ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*)

Não obstante, ao lado dele a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor com cebola crua e gordura podre. Mas João Romão nem dava por ela. (AZEVEDO Aluísio. *O Cortiço*)

A mulher gorda no romance do século XIX, seja o romance Romântico, Realista ou Naturalista, é representada como mulher popular, de corpo flácido, às vezes ávida por comida, de olhos sagazes, com uma esperteza que lhe retirava o encanto, a perfeição, a admiração, características destinadas às damas respeitadas da aristocracia A descrição negativa e caricatural da mulher gorda, fora do padrão de beleza da mulher idealizada pelo discurso literário patriarcal, ocorre porque a literatura é também um espaço de representações e valores culturais masculinos. Esses valores

sociais passam a ser rasurados a partir do discurso de autoria feminina. Talvez a literatura de autoria feminina pratique, muitas vezes, o que o filósofo Jean Paul Sartre chama de literatura engajada. Segundo Benoît Denis a literatura engajada é a *em que se toma uma certa direção e se faz a escolha de se integrar numa empreitada. De se colocar numa situação determinada, e de aceitar os constrangimentos e as responsabilidades contidas na escolha* (2002, p. 32). Podemos dizer que Clarice Lispector aceitou a responsabilidade de escrever sobre a mulher, de representar um gênero, uma classe, uma pessoa humana existindo na dúvida e na busca de entendimento.

Em **A solução**, Almira esconde uma alma delicada que ninguém vê, visto que a julgam como inumana, (um ser de outra galáxia?) Ela era um ser alijado das pessoas dentro dos padrões normativos. Almira “tinha o rosto muito largo, amarelado e brilhante: com ela o batom não durava nos lábios, ela era das que comem o batom sem querer” (p.65) A narradora nos mostra uma personagem estereotipada no que diz respeito à representação da mulher gorda, no entanto, mais adiante, ela humaniza essa personagem, mostrando uma sensibilidade e uma humanização negada às mulheres gordas.

Só a natureza de Almira era delicada. Com todo aquele corpanzil podia perder uma noite de sono por ter dito uma palavra menos bem dita. E um pedaço de chocolate podia de repente ficar-lhe amargo na boca ao pensamento de que fora injusta. O que nunca lhe faltava era chocolate na bolsa, e sustos pelo que pudesse ser feito. Não por bondade. Eram talvez nervos frouxos num corpo frouxo (*A legião estrangeira*, p. 6).

A narradora constrói uma personagem sufocada com a sensação de que fez algo errado, falou algo errado, é uma pessoa errada que vive em uma sociedade na qual não há lugar nem pertencimento para as pessoas gordas. O susto permanente em que Almira vive é a opressão que sente a mulher gorda diante de uma sociedade esteticamente excludente.

Essa opressão silenciosa, mas visível em a cada espaço, será gritada por Alice, em um ato de explosão de raiva diante de Almira. Alice chega atrasada ao trabalho, chorosa e Almira procura saber o que houve, solícita, tenta consolar a amiga e, no restaurante, no intervalo do almoço, diante de sua insistência, Alice grita-lhe:

-Sua gorda! Disse Alice de repente, banca de raiva. Você não pode me deixar em paz?

- Você é uma chata e uma intrumetida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca. (*A legião estrangeira*, p. 66).

Alice explode em Almira a sua raiva e frustração pela partida do namorado e, sem cuidado com as palavras, indiferente se provocaria dor na suposta amiga, ela a ofend¹e. Alice é magra, está inserida na sociedade que cultua o corpo, é bonita e serena; não precisa ter o cuidado com as palavras nem medo de ferir, de dizer uma palavra indevida. Alice desconhece o medo e a insônia de que sofre Almira. Almira é a subalterna, a mulher que se encontra na pergunta Spivack: “Pode o subalterno falar?” E se fala, em que medida sua voz não é a representação do discurso dominante? E se lhe dão poder de voz, o que pode esse subalterno dizer?

Após Almira ter sido xingada e humilhada, ela nada fala, mas age. A situação de oprimida

1 Caberia aqui abrir uma discussão sobre o que seriam as ofensas ao sujeito gordo, negro, gay por exemplo. Os xingamentos como forma de humilhação representam um olhar do sujeito que naturaliza identidades e exclui sujeitos que estão fora da norma padrão. O enfrentamento dessas ofensas, a resignificação do sentido negativo, com um novo teor político e de empoderamento tem-se mostrado importante como forma de desconstrução ou problematização do discurso dominante opressor.

torna-se mais evidente no momento em que as palavras são ditas, a verdade se deslocou para si. Não havia mais pertença entre ela e a amiga idealizada, talvez, como um totem, a sagração de uma divindade distante dela, que não lhe pertencia e, nesse momento, Almira desperta. A tomada de consciência de si, é um tema recorrente em Clarice Lispector, na maioria das vezes, suas personagens passam a maior parte da narrativa numa espécie de letargia, de limbo em que se distanciam de si, em que sabem que são estrangeiras ao espaço social em que estão, até que despertam. Despertam, mas não avançam, despertam, mas não seguem em frente, despertam para se aprisionarem mais tragicamente porque, finalmente, têm consciência de si e da estrutura social opressora em que vivem

Foi então que Almira começou a despertar. E como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse o jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao Pronto-Socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda arregalados de espanto. Almira foi presa em flagrante. (A legião estrangeira. p.67).

Vemos, nesses dois parágrafos, a sutil ironia Clariceana: Almira começar a despertar e a agir como se fosse uma magra deve ser entendido de duas maneiras, no sentido simplista, ela saiu do espanto inerte em que se viu e, num movimento rápido comum a uma mulher magra, praticou o ato impensado da revolta, para uma mulher gorda, mas podemos entender, também, que Almira tomou consciência e, agindo sem medo, entendendo que o mundo também é seu, foi capaz de uma ação que ao subalterno muitas vezes não parece possível: enfrentar aquele que lhe oprime. O restaurante cheio e que se levanta como uma só pessoa, simbolicamente, representa os espaços sociais dominantes, representa o espanto da sociedade que naturaliza e categoriza sujeitos, corpos, peles, sexualidades. Os olhos arregalados de espanto de Alice são os olhos da sociedade diante de uma rebeldia ou ação que parta do sujeito abjeto. A Abjeção representa o outro, a diferença, a não-identidade, acusa o monstruoso. De acordo com Foucault em *A microfísica do Poder*, através da abjeção extrai-se dispositivos de poder como a opressão, o silenciamento, a exclusão, a identidade, etc. E o corpo abjeto e monstruoso foi preso, enjaulado distante da ordem social.

Após o ato violento de Almira, veem as conjecturas: uns acreditam que a amizade era estranha, outros que a avó de Almira fora mulher esquisita, mas como fala a narradora: “Ninguém se lembrou de que os elefantes, de acordo com os estudiosos do assunto, são criatura extremamente sensíveis, mesmo nas grossas patas” (p.67). Em nossa sociedade somos acostumados a fazer piadas com mulheres e homens gordos, somos induzidos a rir do de homens e mulheres gordos, a excluí-los como se não tivessem sensibilidade. Nesse fragmento, Clarice nos leva a entender que a sensibilidade está presente nas pessoas, independentemente do seu peso.

Como falei anteriormente, a tomada de consciência das personagens Clariceanas nem sempre significa sair do sistema opressor que lhes aprisiona. Em **A Solução**, a personagem não passa pela metamorfose final dos contos de fada da Disney, nem das novelas dos canis de TV, nem dos filmes românticos. A literatura de Clarice não é redentora, não tem a função de agradar o leitor e a leitora, sua obra procura nos provocar incômodo e nos acompanha ao longo do tempo, como reflexão do que somos, como vivemos, quem é nosso outro e como somos indiferentes ao estranho.

Na prisão Almira comportou-se com docilidade e Alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate. Exatamente como para um elefante no circo. (A legião estrangeira, p.67).

O final melancólico expõe a outra marca da sociedade destinada à mulher gorda. Até então

Clarice não havia falado nela. Se no decorrer do conto, a narradora nos fala da solidão, medo e exclusão em que a mulher gorda vê-se enredada, nesse final, de forma direta ela nos mostra o outro espaço concedido à gorda: a alegria artificial, o humor, a exposição do corpo abjeto para diversão e chacota daqueles que têm o poder. Almira continuou só, continuou doce e melancólica, continuou como um corpo estranho: antes ignorado, agora exposto ao pequeno circo dos horrores da existência humana.

Referências

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

AZEVEDO Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”**. Cadernos PAGU, 1998. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634457>

CERECEDA, Miguel . **El origen de la mujer sujeto**. Madrid: Tecnos, 1996.

COLASANTI, Marina. **Entre resistir e identificar-se: para uma teoria prática da narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. São Paulo: EDUSC, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2010

LISPECTOR, Clarice. **A Legião Estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégia de gênero**. Niterói, EDUFF, 1997.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 3 de novembro de 2016.
Aprovado em 24 de novembro de 2016.